

## AÇÃO POLÍTICA E CONSCIÊNCIA DE CLASSE DE JOVENS NO PROCESSO DE LUTA PELA MORADIA EM UBERLÂNDIA – MG

DOUGLAS GONSALVES FÁVERO

SÉRGIO PAULO MORAIS

Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais, Brasil

---

**RESUMO:** O presente trabalho apresenta como recorte alguns resultados de uma pesquisa de mestrado em Educação que buscou analisar modos de vida de jovens de uma ocupação urbana de Uberlândia – MG. Ancorado no materialismo histórico como dimensão epistemológica, partiu-se de um diálogo com a sociologia da juventude com dados institucionais e empíricos produzidos a partir de um *survey* descritivo e entrevistas de história oral. O artigo apresenta a relação dos jovens com o movimento de ocupação, o Movimento Sem-Teto do Brasil (MSTB), assim como a percepção dos jovens sobre a política de maneira geral. Dessa forma, conclui-se apresentando traços de consciência de classe, assim como situações de classe vividas a partir de experiências comuns, que conferem uma unidade da diversidade da juventude da classe trabalhadora, neste caso em processo de luta pela moradia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Experiência juvenil. Ocupação urbana. Juventude de periferia. Classe.

---

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta algumas reflexões sobre a experiência juvenil e relações de classe, a partir de resultados de uma pesquisa de mestrado que buscou analisar modos de vida de jovens de uma ocupação urbana em Uberlândia – MG. A área estudada foi uma ocupação de parte do futuro *campus* Glória da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), localizada à zona leste da cidade, às margens da BR-050.

A ocupação foi realizada pelo Movimento Sem-Teto do Brasil (MSTB), dando-se como desdobramento do despejo de outra área ocupada nos arredores da Central Estadual de Abastecimento de Uberlândia, entre janeiro e fevereiro de 2012, estimando-se em torno de 2.200 famílias ocupantes. Apesar de ainda irregular, foi batizada de bairro Élisson Prieto, em homenagem ao professor da UFU apoiador do movimento (DE SORDI, 2017).

Na busca dos modos de vida dos jovens da ocupação, partimos do materialismo histórico (MARX, 2013; MARX; ENGELS, 2009) como orientação epistemológica, propondo um diálogo com a sociologia da juventude (ABRAMO, 2005; DAYRELL, 2001; GROppo, 2000; 2004; SPOSITO, 2004) e dados institucionais com fontes empíricas produzidas por meio de um *survey* descritivo (BABBIE, 2003; BARBETTA, 2002) e história oral (PORTELLI, 1997; 2001; SMITH, 2012; VILANOVA, 1994).

Nesse processo, seguimos a centralidade da experiência indicada por Thompson (1981), compreendendo-a como um termo mediador da unidade entre ser social e consciência social. Em que a busca dos modos de vida perpassa por apreender as necessidades, possibilidades e expectativas dos seres sociais, visto que a experiência é tanto pensada quanto sentida e vivida (THOMPSON, 1984). Nesse sentido, optamos pela noção de experiência juvenil<sup>1</sup>, buscando sua compreensão no contexto e no processo.

Buscar a experiência juvenil demanda apreender as condições sociais em que ela se realiza e se expressa, remetendo-nos ao problema das determinações. Para além de um determinismo econômico, assumimos a noção marxista de determinações a partir de Williams (1979; 2011), como um processo de fixação de limites e exercício de pressões. Em que os limites estabelecem até onde a prática humana pode ir, enquanto as pressões derivam “[...] da formação e do impulso de um determinado modo social: com efeito, uma compulsão de agir de formas que o mantêm e renovam” (WILLIAMS, 1979, p. 91).

Para Williams (1979, p. 91), os limites e as pressões estão na própria totalidade do processo social, que conduz e molda a experiência humana,

que, por sua vez, retorna ao ser social como pressões, em um processo de constituição humana. Nesse sentido, a experiência se conforma tanto como ação quanto como consciência, sob relações determinadas. Dessa forma,

[...] A experiência é um termo médio necessário entre o ser social e a consciência social: é a experiência (muitas vezes a experiência de classe) que dá cor à cultura, aos valores e ao pensamento: é por meio da experiência que o modo de produção exerce uma pressão determinante sobre outras atividades: e é pela prática que a produção é mantida (THOMPSON, 1981, p. 112).

Como ferramentas de pesquisa empírica, optamos por uma combinação de dados estatísticos com fontes orais. Para o primeiro, partimos de um *survey* descritivo<sup>2</sup> com 173 questionários estruturados, buscando os “padrões de vida” entre os jovens. Após isso, foram selecionados oito jovens com diferentes perfis para as entrevistas semiestruturadas de história oral<sup>3</sup>, buscando passar dos “padrões de vida” para os “modos de vida” (THOMPSON, 2012a, p. 42-43).

Nesse processo de passar dos “padrões de vida” para os “modos de vida”, valemo-nos da história oral como possibilidade de “dados literários” na busca da percepção dos jovens acerca dos processos e, ao mesmo tempo, como janelas para as experiências dos sujeitos. Ademais, a combinação com a estatística possibilita ao mesmo tempo identificar as estruturas com a intensidade em que são vividas e interpretadas. A estatística escancara o maioritário e o minoritário, enquanto a história oral possibilita responder às perguntas feitas a partir dos dados quantitativos (VILANOVA, 1994).

Optamos para este artigo fazer o recorte da relação dos jovens com a política e o processo de luta pela moradia, assim como das formas de consciência expressadas a partir dos padrões e narrativas dos sujeitos. Pudemos encontrar traços de consciência de classe que perpassam pela unidade a partir de experiências em comum vividas por situações de classe, sobretudo pelas relações de produção, sempre como limites e pressões, apresentadas a seguir.

## 2 POLÍTICA E OCUPAÇÃO NA VISÃO DOS JOVENS

A ida para a ocupação nem sempre se deu por decisões próprias dos jovens, expressando a relação de dependência/independência exposta por Groppo (2004) e Abramo (2005), em que, na maioria dos casos, os jovens acompanharam a família, entrando no processo de ocupação e luta pela moradia involuntariamente. Encontramos algumas exceções, como o caso de Tito (que será abordado mais à frente), indicando uma atitude de

independência nas tomadas de decisões, geralmente por parte de jovens mais velhos e com família constituída.

Uma das pressões exercidas pela condição de ocupação consiste em certo preconceito dos jovens no processo de ida para a ocupação. No caso, a ocupação é noticiada pela mídia local e, de certa maneira, conhecida pela cidade como invasão (DE SORDI, 2017). Essa questão expressou-se significativamente nas narrativas dos jovens, como Ernesto, de 22 anos, ao relatar sobre a ida para a ocupação:

Foi meio assim, porque a gente estávamos precisando de um lugar pra morar, sabe... de... mesmo que fosse de aluguel. Mas aí a gente escutamos que aqui tava tendo uma invasão, então a gente viemos pra cá, aí a gente conseguimos um lote aqui e estamos aqui, desde então (ERNESTO, 2015, p. 56).

Alexandra, de 15 anos, também expressa essa relação, narrando o que pensava do processo de ida para a ocupação:

No começo eu não queria não, no começo. Aí, no começo eu falava nem, eu vou falar não, meus amigos vai achar ruim, ninguém vai querer conversar comigo mais. Agora eu gosto de ficar aqui. Tenho mais esse preconceito não. Aqui é um bairro como qualquer outro, só falta organizar tudo direito (ALEXANDRA, 2015, p. 2).

Ao mesmo tempo em que esse preconceito se expressa, há, nas narrativas dos jovens, uma dimensão de resistência, afirmando que a ocupação é um bairro como outro qualquer, buscando uma diferenciação da noção de invasão, expressando uma disputa no âmbito simbólico. Nesse mesmo sentido aponta Eduardo, de 15 anos, afirmando como é morar na ocupação, incomodado com as ruas ainda serem de terra: "Uai... não é tão diferente não né... tão diferente quanto morar no asfalto não, pra mim é quase normal... é quase normal" (EDUARDO, 2015, p. 75).

No decorrer das vivências no processo de ocupar e na vida política da organização, essa dimensão de resistência toma contornos mais fortes, alcançando dimensões para além da propriedade e da reivindicação da visão da ocupação como bairro. Nessa direção, Tito, um jovem pastor de 27 anos que decidiu ir para a ocupação juntamente com a esposa de 26 anos, expressa bem esse processo de tomada de consciência:

[...] é muito injusto você não ter um lugar proê morar. Aí eu lembrei daqui... um amigo meu falou que tava tendo a invasão do Glória lá, aí eu peguei e vim procurar saber como que funciona isso aqui. De primeira vista eu dei uma assustada, né. O ambiente dá uma assustada. Mas... aí é o que tinha [...] E aí

foi a opção que eu tive. Só que eu tive e abracei a ideia, achei interessante a ideia que me passaram (TITO, 2015, p. 38).

Apesar dessa boa expressão, Tito foi uma exceção nas narrativas dos jovens, apresentando maior clareza da totalidade social e da política como um todo. Da mesma forma, ele foi uma exceção na relação com o MSTB, dizendo não participar das atividades. Apesar de concordar com as reivindicações e as ideias propagadas, critica a forma como o movimento trabalha, sobretudo em ações diretas mais radicalizadas, como trancamento de rodovias, protestos na Prefeitura Municipal de Uberlândia e na UFU, entre outros. Em suas palavras:

[...] eu concordo assim, é... [...] a ideia que eu vi de uma reforma urbana, uma reforma imobiliária é... é... uma ideologia boa, porque tá mal distribuído, é muito mal distribuído a questão imobiliária na cidade. Mas eu acho que eles exageram um pouco, algumas manifestações [...]. As vezes pará a rodovia pra... manifestação sem... as vezes você vai perguntar qual é o fim disso daqui? Ah, é pra tirar a Dilma, ah... é pra deixar a Dilma, apoio à Dilma. Nessa forma de política eu sou meio... eu não concordo [...] Eu concordo na ideia, mas na ideia de abraçarmos a ideia de tentarmos fazer uma... nem que seja na raça, igual tá sendo aqui, na força pra tentar mobilizar alguém dizendo assim: oh, tá precisando de uma reforma imobiliária na cidade gente, a especulação tá muita, é muito injusto. Nessa forma eu concordo e muito, na forma de manifestação, na forma de... de... baderna, aí eu já não concordo não (TITO, 2015, p. 45).

Em relação aos demais jovens entrevistados, há uma grande referência ao MSTB e, de certa maneira, uma participação na vida política do movimento. Entre os jovens que responderam aos questionários, 67,05% disseram participar das atividades desenvolvidas pelo movimento. Entretanto, destes, apenas 34,48% responderam participar sempre das atividades, representando, no total, 23% dos jovens entrevistados. Entre os que disseram participar das atividades do MSTB, 55,17% responderam participar das reuniões, 18,10% de reuniões e manifestações, 11,21% apenas das manifestações e 11,21% responderam participar de todas as atividades (PERFIL..., 2015, p. 36-37).

Entre os 32,95% dos jovens que responderam não participar das atividades do MSTB, os principais motivos da não participação oscilam entre falta de tempo por trabalho/estudo (19,30%), por não conhecer o movimento (17,54%), por ir alguém da família representando o núcleo familiar (17,54%), por não gostar ou não concordar (12,28%) e por não ter sido convidado (3,51%). Houve também significativos 29,82% que não responderam (PERFIL..., 2015, p. 37-38).

Esses dados demonstram uma grande referência ao movimento, visto que apenas 12,28%, dos 32,95% que responderam não participar (4,05% do total) não vão por não concordarem com o movimento. Entretanto, a participação da juventude não é tão significativa, sendo mais pontual nos atos e nas manifestações. Essas dimensões expressaram-se nas narrativas dos jovens, como é o caso de Alexandra:

Entrevistador: E você costuma participar das atividades do MSTB?

Alexandra: Ultimamente eu não tô indo. Antes eu ia, porque agora eu vou trabalhar, aí chego cansada e vou dormir, mas minha mãe vai.

Entrevistador: O que você acha das atividades? Você gosta?

Alexandra: Dos protestos eu gosto [risos] (ALEXANDRA, 2015, p. 9-10).

Rosa, 27 anos, segue a mesma perspectiva, respondendo participar pontualmente das atividades: “As vezes eu vou, quando tem paralisação na BR, quando é só esses trens aí, aí eu vou... eu gosto [risos]” (ROSA, 2015, p. 18). Da mesma forma em que há uma maior participação nos atos e manifestações, assim como a boa referência dos jovens ao MSTB, notamos, ao mesmo tempo, que os jovens não se reconhecem como parte do movimento. Este não sentimento de pertença manifestou-se nas narrativas ao tratar o movimento enquanto eles e não enquanto nós, como demonstra Patrícia, jovem de 20 anos, relatando o que acha do MSTB: “[...] eu acho bom, porque quando as pessoas... *a gente* não tem um lugar de ficar, aí *elas* abre um lugar, e junta todos com uma força só e corre atrás, vai...” (PATRÍCIA, 2015, p. 35, grifo nosso).

Outro indicativo na referência ao movimento – apesar de muitas vezes não se reconhecerem como tal –, captado tanto na história oral quanto nos questionários aplicados, foi de jovens que, mesmo não participando diretamente das atividades, sobretudo das reuniões, apresentaram a afirmação comum de que sempre vai alguém da família a essas atividades. Talvez essa relação expresse uma tentativa dos jovens de demonstrar uma participação ativa no movimento motivada pela preocupação de perder a casa. Por outro lado, demonstra a percepção política de que a problemática da moradia é resolvida apenas no âmbito da organização e da luta social.

Contraditoriamente, essa dimensão política da moradia muitas das vezes não é vista no ato de ocupar. Quando questionados sobre a política, os jovens (à exceção de Tito) acabavam sempre trazendo a conversa para o plano eleitoral, não mencionando a ocupação e a relação com o MSTB. Aliada a essa

não percepção política da ocupação, a dimensão eleitoral e institucional da política comumente aparecia como negação, como expressa Ernesto:

Eu, sinceramente, eu não gosto de política, porque, sinceramente, muitas pessoas... eles estão ali, mas eles não estão fazendo o trabalho deles, que você olha assim, tá falho a educação. O que mais falta nesse país é a educação... o... falta o que... professores, sabe. Eles valorizar mais o professor, porque o professor hoje, sinceramente, é o que a gente tem de melhor... pra dar um futuro pros nossos filhos. Eu não tenho filho, mas [risos] eu falo no geral. Porque é difícil, sabe. A gente queremos um país melhor, mas enquanto houver pessoas na... lá em cima no poder, que num fazem nada, num mudarem algumas coisas [...] Tem muita coisa que é falho, na verdade, por isso que eu não gosto de política. Porque, pra mim é manipulação pra roubar o dinheiro das pessoas (ERNESTO, 2015, p 61).

Alexandra acompanha a interpretação de Ernesto ao dizer não gostar de política. Entretanto, ao falar sobre a participação nos protestos e ao ser questionada se estes não são formas de política, responde:

Esse é legal [risos]. Eu fui lá na UFU esses dias. Eu não conhecia lá. Aí eu fui com eles pra lá... nossa, eu amei [risos]. [...] O que teve aqui na coisa [BR-050] eu não fui... porque eu tava na escola. Mas eu ia... se não tivesse aula eu teria ido, mas tinha aula, eu peguei e nem fui... eu fui pra escola (ALEXANDRA, 2015, p. 9-10).

Essas dimensões apresentadas da participação política dos jovens colocam-nos em questão a ideia de não participação da juventude nos processos políticos, indicando que há de fato interesse na política, mas não da forma como está posta, sobretudo nas dimensões institucionais e eleitorais. Como indicado acima, Tito expressa sua exceção entre os jovens na forma de ver a política:

Eu entendo que política é o que define nossa vida, somos... somos definidos por política. Querendo ou não, somos definidos por política. Às vezes... ah... eu não concordo... eu não gosto de política. Você gostando ou não, a sua vida é toda moldada por política (TITO, 2015, p. 45).

A percepção dos jovens da dimensão política coloca uma relação de oposição entre as pessoas que estão no poder – marcadas pelo enriquecimento via política e/ou por formas de corrupção – e os trabalhadores, pessoas comuns. Essa distinção contraditória promove uma relação com a noção de o *nós* e o *eles* (HOGGART, 1973, p. 87-112), com uma clara oposição de interesses, bastante presentes nas narrativas, como demonstra o caso de Rosa:

Eu só quero que aqui sai né, esperança muito grande nossa, de pagar uma água, uma luz, porque... ninguém merece não... tem que viver na dignidade mesmo. Vê se esse povo para de robar e devolve o emprego *pra nós*, que agora *nós* tá pagando a conta da Petrobrás, *nós* num é obrigado não uai (ROSA, 2015, p. 22, grifo nosso).

A dimensão da moradia permeia as expectativas desses jovens, criadas a partir de situações de classe, impondo-se sobre os jovens como pressões em um processo de luta e oposição. A vivência da ocupação promove uma reviravolta na experiência, em que os jovens pensam a partir da realidade em que vivem, moldadas a partir de situações de classe, determinadas objetivamente pelas relações de produção (THOMPSON, 1981; 1998).

### 3 CONSCIÊNCIA DE CLASSE ENTRE OS JOVENS

A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe (THOMPSON, 2011, p. 10).

Na busca dos modos de vida dos jovens, ancoramo-nos na concepção de classe como processo e relação (WOOD, 2003), procurando superar uma visão cristalizada sobre classe, definida estatisticamente e determinada pelas relações de produção. Nesse sentido, buscar a experiência dos jovens consiste em apreender os limites e as pressões a que estão submetidos, assim como as dimensões culturais, morais e valorativas que os envolvem, visto que são constitutivas dos seres sociais e orientam a prática dos sujeitos (THOMPSON, 1981; WILLIAMS, 1979).

A juventude não existe em abstrato, mas no contexto e no processo, vivida a partir de situações de classe, que perpassam diversas dimensões do ser social, como limites e pressões, seja nas relações de reprodução do ser social, como trabalho, educação, moradia, família, seja na dimensão da sociabilidade, do tempo livre, da violência vivida, da relação com o Estado e do processo de luta pela moradia.

Essas situações de classe, determinadas objetivamente pelas relações de produção, geram conflitos e antagonismos, em que a exploração é vivida como formas de classe (WOOD, 2003, p. 76). Entretanto, se essas situações são determinadas, o mesmo não ocorre com a consciência de classe, visto que os limites e as pressões atuam em seres sociais por meio da experiência,



tratados em termos culturais – como sentimentos, valores e pensamentos – e inseridos na totalidade das relações sociais, desenvolvendo-se no processo de luta de classes (THOMPSON, 2011, p. 10).

Nesse sentido, pudemos notar situações de classe em comum entre os jovens da ocupação, perpassando por trabalhos precários, pela informalidade e pela alta rotatividade nos empregos, pelo desemprego, pela necessidade do abandono dos estudos para a manutenção do núcleo familiar (seja o de origem, seja o constituído), pela negação do direito à cidade – dificuldade de locomoção, pouco acesso cultural e dimensões relacionadas à moradia, como saneamento básico (PERFIL..., 2015). Essas situações distinguem-nos de jovens de outros setores sociais, vivenciando limites mais estreitos e pressões mais intensas.

São essas experiências em comum, de situações de classe, que expressam a diversidade da experiência juvenil da classe trabalhadora, sobretudo jovens de periferia e, nesse caso, no processo de luta pela moradia e pelo direito à cidade. Como apontam Thompson (1981; 2011; 2012b) e Wood (2003), a consciência de classe se desenvolve a partir do processo de luta de classes, no fazer-se da classe trabalhadora. Dessa forma, a consciência de classe perpassa por uma “[...] consciência dos trabalhadores em relação a seus interesses e à sua situação enquanto classe” (THOMPSON, 2012b, p. 414-415), em relação aos interesses (contraditórios) com outras classes.

Pudemos encontrar traços dessa consciência de classe entre os jovens. Ainda que não seja uma consciência revolucionária<sup>4</sup>, ou da totalidade do processo social, há a identificação de suas situações de classe e dos antagonismos gerados em oposição a outras, expressos de distintas formas entre os jovens, como as já citadas falas de Tito questionando a especulação imobiliária, ou como no caso de Ernesto, que percebe as estratégias dos patrões em não registrar trabalhadores, ao relatar sobre sua situação de desemprego:

Eu tô procurando, mas na verdade tá mais difícil do que... do que... eles pedem muito, sabe; tem emprego, mas só que eles não escolhem tanto assim, sabe... num... eles fazem, mas pegam poucas pessoas, eles... Eu acho que é até uma estratégia que eles fazem, sabe, eles não deixam a pessoa completar o terceiro mês pra num ter... fica só como experiência básica... mas aí, a pessoa perde o direito tudo (ERNESTO, 2015, p. 57).

A narrativa de Rosa que conclui a seção anterior expressa outra dimensão de consciência de classe entre os jovens, a consciência da oposição e do antagonismo da dimensão política e das ações do Estado, escancaradas, sobretudo, pela ação de políticos (restrita ao enriquecimento via política

e corrupção, pelo menos em suas percepções) e da polícia, agindo tanto contra as ações diretas mais radicalizadas do movimento quanto na defesa da propriedade privada, como relata Alexandra:

Aqui, quando começou... que a gente veio pra cá, eles [polícia] começaram a invadir as casas assim, sem permissão, sem mandato né. Porque, eu acho, tipo assim, que o policial tem que entrar na casa só quando tem mandato, não é? Porque... como aqui é um bairro onde só tem gente pobre... que é... invadido... eles acham que tem que chegar entrando (ALEXANDRA, 2015, p. 11).

Por fim, encontramos como traços de consciência de classe a dimensão da solidariedade entre os ocupantes, bastante expressiva nas narrativas dos jovens. De Sordi (2017) demonstra a solidariedade entre as famílias ocupantes no processo de organização da moradia, marcado pela divisão das tarefas entre a vizinhança, como no compartilhamento do almoço, na compra a prazo na mercearia do bairro, entre outras, também encontradas nas narrativas dos jovens.

Além desta forma, a solidariedade aparece nas expectativas dos jovens, em que a esperança da moradia se expressa de maneira coletiva, na vontade não apenas de conseguir a casa, mas de que todos os ocupantes também o consigam, como relata Ernesto (2015, p. 64): “Só espero que dê tudo certo pra todo mundo né... porque... que ninguém aqui fique sem casa... porque, sinceramente, é muitas pessoas que têm aqui”.

Os traços de consciência de classe entre os jovens tomam contornos no processo de luta pela moradia, em que ações diretas são legitimadas por um elemento moral legitimador (THOMPSON, 1998): a negação da moradia a quem trabalha, direito básico de sobrevivência dos trabalhadores. Ao mesmo tempo, esse processo escancara o papel do Estado na defesa da propriedade privada e da acumulação do capital na forma da especulação imobiliária, tornando mais claro a oposição de interesses entre o *nós* e o *eles* (HOGGART, 1973, p. 87-112).

Não estamos sugerindo que a juventude apresenta por si só uma rebeldia ou potencial de lutas, mas que a experiência juvenil é determinada – no sentido de limites e pressões – em grande medida por relações de classe. Entretanto, essas relações não esgotam a prática humana, fixam os limites em que as possibilidades e expectativas se colocam e exercem pressões sobre as próprias necessidades, perspectivas e conceitos organizadores (WILLIAMS, 1971), como a própria noção de juventude, que aparecem nas narrativas mais como expectativas que experiência concreta e possibilidades objetivas.

Por outro lado, há – e isso é uma particularidade desses jovens – o processo permanente de luta pela moradia, ampliando as possibilidades de tomada de consciência de suas situações de classe e do antagonismo gerado pela acumulação do capital – sobretudo na especulação imobiliária – e pela negação dos direitos de moradia e da cidade, em um processo permanente de formação humana, tanto pela experiência das relações de produção quanto do processo de autoformação enquanto classe em luta.

Importante notar que estas não compõem um campo superestrutural (tão somente), pois se internalizam na concretude do viver (na reprodução social da vida). Esta, por sua vez, centra-se em acontecimentos observáveis dentro de um quadro de “política da vida cotidiana” (KERKVLIE, 2009). Distinta da política institucionalizada, contestada nas narrativas de Alexandra e Ernesto, acima indicadas, a política do cotidiano se faz como abertura de “caminhos alternativos”, por exemplo, em meio a gramados para pedestres e ciclistas que não se adaptam aos traçados paisagísticos oficializados por órgãos oficiais ou dirigentes de instituições<sup>5</sup>.

No caso da luta pela moradia, manterem-se no local e renovar significados do território (“bairro como qualquer outro”) qualificam-nos como agentes políticos. Pois desafiam as ordens de despejo, criam rotinas de sociabilidades, alteram práticas instituídas sobre o pagamento de aluguéis, transformam espaços vazios em lugares de viver. Causadas por jovens e outros sujeitos sociais, tais atuações revelam publicamente interesses compartilhados por diversos grupos sociais, que estão no conjunto da ocupação ou em perímetros ampliados.

Assim, objetivando a resolução de interesses particulares (obtenção de moradia), o conjunto das experiências, das interpretações e das participações (mesmo que em momentos críticos, como o fechamento de rodovias) talvez possa se distanciar de uma esperada unidade de interesses e de antagonismos. Porém, em conjunto, contraria a organização mercantil da cidade de Uberlândia e do capitalismo em termos gerais.

Algo que parece improvável nesse tempo de hegemonia liberal. Mas, certamente, crível se percebido em conjunto com outra metáfora, a de arrecifes de corais descrita por James Scott:

Assim como milhões de pólipos de antozoários criam um arrecife de corais, milhões e milhões de atos individuais de insubordinação e de evasão criam barreiras econômicas e políticas por si próprios. Há raramente alguma confrontação dramática, eventualmente digna de ser noticiada. E, sempre que o barco do Estado esbarra numa dessas barreiras, a atenção é centrada no acidente e não na vasta agregação de micro-atos que resultaram na barrei-

ra. É muito raro que os produtores desses micro-atos busquem chamar a atenção sobre eles mesmos. Sua segurança está no seu anonimato. Também é extremamente raro que os oficiais do Estado desejem dar publicidade a essa insubordinação. Fazê-lo seria admitir que sua política é impopular e, acima de tudo, expor a dureza de sua autoridade [...] – duas possibilidades que não interessam de maneira nenhuma ao Estado (SCOTT, 2002, p. 13-14).

Neste caso em particular, as referências concretas surgidas em torno da moradia e da sobrevivência são fundamentais para o estabelecimento de um processo de consciência, sobre o qual temos nos referido. Porém, outras matrizes interligadas encontram-se presentes: a ação e as reuniões organizadas pelo movimento, as diferentes religiões encontradas na localidade e em seu entorno, as expectativas e os interesses discutidos com advogados e agentes da lei, entre outros (DE SORDI, 2017). Essas outras dimensões, entretanto, precisam ser melhor investigadas, sobretudo no tocante aos jovens, e elas, por ora, extrapolam a pesquisa empírica e os objetivos deste artigo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscar os modos de vida dos jovens de periferia e, especialmente, de uma ocupação traz o desafio de compreender a juventude para além de categorias cristalizadas ou isoladas do processo social, visto que a experiência juvenil é vivida a partir de situações de classe em que essas pessoas entraram involuntariamente.

Compreender a experiência marcada por relações de classe não consiste em determinismo econômico, mas em realçar a indissociabilidade dos fenômenos econômicos, culturais e sociais, compreendendo necessidades, possibilidades e expectativas a partir dos limites fixados e das pressões exercidas no processo estruturado, que assumem uma dimensão constitutiva na dinâmica da luta de classes (WILLIAMS, 1979, p. 91).

As experiências comuns de classe desses jovens os distinguem de outros setores sociais, promovendo uma unidade em que a diversidade juvenil da classe trabalhadora se expressa. A própria noção de juventude desses jovens contradiz seu processo vivido, marcado por uma noção de juventude dominante, em que a moratória dos estudos, o prolongamento da entrada no mundo do trabalho, a relação de dependência financeira e familiar, maior tempo livre e os próprios espaços de sociabilidade tipicamente juvenis não correspondem às possibilidades concretas de vida desses jovens.

Portanto, a juventude na periferia – nesse caso acentuada pela experiência da ocupação – é vivida a partir de limites mais estreitos e

pressões mais intensas, ressignificando a própria condição de juventude, em que direitos garantidos no Estatuto da Juventude como lazer, mobilidade e, sobretudo, moradia (BRASIL, 2013) são negados pela situação de pobreza de parte desses jovens da classe trabalhadora.

Artigo recebido em: 22/03/2017

Aprovado para publicação em: 16/05/2017

---

#### POLITICAL ACTION AND CLASS CONSCIOUSNESS OF YOUNG PEOPLE IN THE PROCESS OF STRUGGLE FOR HOUSING IN UBERLÂNDIA - MG

**ABSTRACT:** This paper presents as a clipping some results of a Master in Education research that sought to analyze ways of life of young of an urban occupation in Uberlândia – MG. Anchored in historical materialism as epistemological dimension, we started with a dialogue with the sociology of youth with institutional and empirical data produced from a descriptive survey and oral history interviews. The article presents the relationship of youth with the movement of occupation, the Movimento Sem-Teto do Brasil (MSTB), as well as the perception of young people about politics in general. In this way, it concludes presenting traces of class consciousness, as well as class situations lived from common experiences, which confer a unit of youth diversity of the working class, in this case in the process of struggle for housing.

**KEYWORDS:** Youth Experience. Urban occupation. Youth on the periphery. Class.

---

---

#### ACCIÓN POLÍTICA Y CONCIENCIA DE CLASE DE JOVENES EN EL PROCESO DE LUCHA POR LA VIVIENDA EN UBERLÂNDIA – MG

**RESUMEN:** Este artículo presenta como recorte algunos resultados de una investigación de Maestría en Educación que pretendía analizar formas de vida de los jóvenes de una ocupación urbana de Uberlândia – MG. Anclado en materialismo histórico como dimensión epistemológica, se rompió el diálogo con la sociología de la juventud con los datos institucionales y empíricos producidos a partir de un *survey* descriptivo y entrevistas de historia oral. El artículo presenta la relación de los jóvenes con el movimiento de ocupación, el Movimento Sem-Teto do Brasil (MSTB), así como la percepción de los jóvenes sobre la política en general. De esta manera, se concluye presentando trazos de conciencia de clase, así como situaciones de clase vividas de experiencias comunes, que confieren una unidad de la diversidad de jóvenes de la clase trabajadora, en este caso, en el proceso de lucha por la vivienda.

**PALABRAS CLAVE:** Experiencia juvenil. Ocupación urbana. Jóvenes de las periferias. Clase.

---

## NOTAS

1 É comum na sociologia da juventude o uso da noção de condição juvenil e situação vivida para caracterizar a juventude, sendo a condição uma representação social que atribui significado ao momento de ciclo da vida, com uma dimensão geracional. Já a situação consiste nos modos como essa condição pode ser vivida, a partir de recortes como classe, gênero, etnia, entre outros (ABRAMO, 2005; DAYRELL, 2001; GROppo, 2000; 2004; SPOSITO, 2004). Optamos pela noção de experiência juvenil, tendo em vista que a própria representação social (ou uma consciência social) está em unidade com a situação vivida, no contexto e no processo, ou no processo estruturado, sob limites e pressões, em que a própria noção de juventude é um campo de disputas de hegemonia.

2 O *survey* foi realizado a partir de uma amostragem aleatória, estratificada – por idade e sexo dos jovens – e sistemática – buscando espalhar as entrevistas por toda a ocupação. A amostragem foi calculada com um nível de significância de 95%, com uma margem de erro de até 7,5% para mais ou para menos (cf. Babbie, 2003; Barbeta, 2002). Os resultados do *survey* foram agrupados em um relatório chamado “Perfil dos jovens do bairro Élisson Prieto”, encontrado como apêndice da dissertação e citado aqui como Perfil... (2015).

3 As entrevistas foram todas agrupadas em um documento do acervo de pesquisa chamado “Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto”, do qual seguimos a numeração das páginas nas citações. Todos os entrevistados assinaram um termo de consentimento e, a fim de preservar a identidade dos jovens, os nomes citados são fictícios. A idade dos jovens informadas corresponde a novembro de 2015, período que foram realizadas as entrevistas.

4 Para Thompson (2011, p. 11), a consciência de classe deve ser percebida como ela é e no seu processo de tornar-se, não como idealizada pela consciência que deveria ter. Dessa forma, ao negar essa idealização, rejeita também a noção de falsa consciência, ambas encontradas na tradição marxista.

5 O exemplo apresentado por Kerkvliet refere-se às vias abertas no *campus* de ANU, College of Asia and the Pacific, onde trabalha desde 1992. Após uma reforma estrutural, diversos transeuntes fizeram caminhos alternativos, o que levou, após um tempo de oposição, à reestruturação dos traçados para circulação (KERKVLIET, 2009, p. 227-43).

## REFERÊNCIAS

### FONTES

ALEXANDRA. [Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto]. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG, 2 nov. 2015. Entrevista realizada pelos autores, p. 1-13. Acervo de pesquisa.

ANTÔNIO. [Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto]. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG, 5 nov. 2015. Entrevista realizada pelos autores, p. 22-30. Acervo de pesquisa.

EDUARDO. [Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto]. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG, 5 nov. 2015. Entrevista realizada pelos autores, p. 65-72. Acervo de pesquisa.

ERNESTO. [Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto]. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG, 3 nov. 2015. Entrevista realizada pelos autores, p. 55-64. Acervo de pesquisa.

PERFIL dos jovens do bairro Élisson Prieto. 2015. Relatório elaborado a partir do survey efetuado entre 12 a 22 de agosto, Uberlândia, 2015.

PATRÍCIA. [Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto]. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG, 11 nov. 2015. Entrevista realizada pelos autores, p. 30-37. Acervo de pesquisa.

ROSA. [Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto]. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG, 10 nov. 2015. Entrevista realizada pelos autores, p. 13-22. Acervo de pesquisa.

TITO. [Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto]. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG, 9 nov. 2015. Entrevista realizada pelos autores, p. 37-49. Acervo de pesquisa.

## BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: \_\_\_\_\_; MARTONI, P. P. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-72.

BABBIE, E. *Métodos de pesquisas de survey*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BARBETTA, P. A. *Estatística aplicada às ciências sociais*. 5. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 6 ago. 2013. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm)>. Acesso em: 10 abr. 2016.

DAYRELL, J. T. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte*. 2001. 412f. Tese (Doutorado em Educação) ☒ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2001.

DE SORDI, D. N. *Moradia, trabalho e luta: experiências, práticas e perspectivas sobre a ocupação de terras urbanas (Uberlândia 2000- 2012)*. 1. Edição Eletrônica. Uberlândia – MG: Navegando Publicações, 2017.

GROPPO, L. A. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

\_\_\_\_\_. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. *Revista de Educação do Cogeime*, n. 25, p. 9-22, dez. 2004.

HOGGART, R. O “nós” e “eles”. In: *Utilizações da cultura 1: Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

KERKVIET, B. J. Everyday politics in peasant societies (and ours). *The Journal of Peasant Studies*, n. 36, v. 1, p. 27-43, mai. 2009.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013. (Livro I, v. I e II, O processo de produção do capital).

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre história oral. *Projeto História*, São Paulo, v. 15, p. 13-49, abr. 1997.

\_\_\_\_\_. História oral como gênero. *Projeto História*, São Paulo, v. 22, p. 9-36, jun. 2001.

SCOTT, J. C. Formas cotidianas da resistência camponesa. *Raízes*, Campina Grande, v. 21, n. 1. p. 10-31, jan./jun. 2002.

SPOSITO, M. P. (Des)encontros entre os jovens e a escola. In: GAUDÊNCIO, F.; CIAVATTA, M. (Org.). *Ensino médio: ciência, cultura e trabalho*. Brasília: MEC; SEMTEC, 2004. p. 73-92.

SMITH, R. C. Estratégias analíticas para entrevistas de história oral. In: SMITH, R. C. *Circuitos de subjetividade: história oral, o acervo e as artes*. São Paulo: Letra e Voz, 2012. p. 13-44.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. La política de la teoría. In: SAMUEL, R. *Historia popular y teoría socialista*. Barcelona: Crítica, 1984. p. 301-317.

\_\_\_\_\_. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *A formação da classe operária inglesa 1: a árvore da liberdade*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. *A formação da classe operária inglesa 2: a maldição de Adão*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012a.

\_\_\_\_\_. *A formação da classe operária inglesa 3: a força dos trabalhadores*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012b.



VILANOVA, M. Pensar a subjetividade – estatísticas e fontes orais. In: FERREIRA, M. de M. (Org.). *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. p. 45-74.

WILLIAMS, R. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILLIAMS, R. Base e superestrutura na teoria da cultura marxista. In: \_\_\_\_\_. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 43-68.

WOOD, E. M. Classe como processo e como relação. In: \_\_\_\_\_. *Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2003. p. 73-98.

---

DOUGLAS GONSALVES FÁVERO: Mestre em Educação e doutorando em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Bolsista FAPEMIG.

E-mail: faverodg@gmail.com

---

---

SERGIO PAULO MORAIS: Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em História e do programa de pós-graduação em Educação, ambos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), coordenador do projeto FAPEMIG.

E-mail: moraissp@yahoo.com.br

---